

OÁSIS PATAGÔNICO

Conheça a história de duas famílias paulistanas que trocaram o céu cinza, a poluição e a rotina extenuante de São Paulo por uma vida aos pés da Cordilheira dos Andes, num projeto onde sustentabilidade, economia circular e conscientização são práticas levadas mais do que a sério

POR CAMILA LIMA



S

abe aquele sonho de abandonar o caos das grandes cidades, levar uma vida mais saudável, sustentável, e ainda ensinar ao mundo que dá pra salvar o planeta? Um grupo de brasileiros foi parar numa pequena comunidade espalhada às margens do rio Futaleufú, na Patagônia chilena, para mostrar que ele pode ser real – e atende pelo nome de Pata.

Tudo começou quando quatro amigos de infância, paulistanos de espírito aventureiro, resolveram comprar juntos uma casa pré-fabricada no Chile. A propriedade serviria para as férias de suas famílias e seria instalada em um terreno na Patagônia argentina. A ideia era a de que os filhos de todos, ainda pequenos, pudessem crescer juntos, em contato direto com a natureza de uma das regiões mais famosas do planeta. No meio do caminho, um episódio político colocaria um ponto final naquele projeto. “O governo de Cristina Kirchner impediu a entrada de importações na Argentina. Nos vimos com a casa comprada no Chile e sem a menor possibilidade de ser instalada onde havíamos planejado. O jeito foi partir atrás de um novo lugar e, assim, em 2014, viemos parar aqui e conhecemos este outro pedaço da Patagônia”, conta o publicitário Marcelo Schaffer, um dos idealizadores do projeto.

O pedaço em questão, sem qualquer tipo de exagero, poderia servir de inspiração para alguma obra de Gauguin, Dalí ou Monet. De um lado estão 2,5 km de praias de rio, com águas tranquilas de tom turquesa, cercadas por árvores frutíferas orgânicas, rebanhos de ovelhas, bosques nativos e intocados. Do outro lado do rio há uma reserva natural, protegida pelo governo chileno. Ao redor, uma vista panorâmica de montanhas nevadas.

Diante de tamanha grandiosidade e do poder latente da natureza, a ideia de simplesmente instalar por ali uma casa de temporada foi ficando para trás. E abrindo espaço para um projeto ainda maior: o desejo de que todas aquelas famílias dessem adeus definitivamente à cidade grande e encontrassem alguma maneira de viver por aquelas terras, tornando-as produtivas, sem causar qualquer impacto ao meio ambiente, e fomentando um projeto de trabalho de economia circular. A ideia era a de que todos os envolvidos pudessem viver dela e, de quebra, estimular o trabalho da comunidade local.

Henry Ajl, o primeiro dos amigos a desbravar a área, teve certeza absoluta, desde o primeiro momento, de que viveria ali com sua família. Ainda em 2013, por ali só havia mesmo a paisagem retumbante. Gente de verdade, apenas a 15 quilômetros de distância, no povoado de Futaleufú, hoje com menos de 4 mil habitantes. “Fui jornalista e documentarista, sempre tive a natureza como o fio condutor do meu trabalho, filmando manadas de elefantes na África ou cruzando a pé a fronteira entre o Paquistão e o Afeganistão. Vi com meus próprios olhos tudo o que o homem era capaz de fazer em prol de nosso ecossistema, mas também como podia destruí-lo sem qualquer responsabilidade”, conta. Aquele pedaço de terra, para Henry, tinha cara de uma tela em branco. E foi assim, ao lado da mulher Tatiana Barbosa, também jornalista e documentarista, e do primeiro filho do casal, Thomás, na época com 2 anos, que ele se aventurou pela região.

A diretora de arte Biju (apelido de Cristiane Lacerda), mulher de Marcelo, chegou alguns anos depois à primeira fazenda do Pata e achou que o marido estava louco ao contar que planejava gastar todas as suas economias em uma terra na Patagônia chilena,



Sa vivitilnesse tam ad nostem issularem tam qua senteribus, catquam firte nihilin nos vides, co estam ditiand iemunte qua noventem norunum ta morterf irmacer feciis consulus fore hor publin rem ala re actemente manuestrum pultia criptint, dum imilibus, unum, ni ilissis consulvid diis bon itam. Itenten telus, comacci ordit.

local que eles nem sequer conheciam. Depois do “baque” inicial, a decisão começou a fazer sentido e, rapidamente, se tornou o plano B da família. Mas foi somente quatro anos depois, quando a escola estava sendo construída na fazenda, que eles tiveram a coragem necessária para abandonar a vida paulistana e seguir, com suas dez malas, rumo à Patagônia. “A decisão de ir viver em uma região remota e participar ativamente do projeto da Pata foi impulsionada pela esperança de proporcionar à nossa família uma vida com mais propósito, valorizando aquilo que realmente importa. O primeiro ano não foi fácil, o clima frio, a liberdade, o isolamento e a imensa força da natureza são desafiadores e te obrigam a ‘olhar para dentro’”, conta. Hoje, os filhos do casal, Leo, de 8 anos, e Luna, de 11, estudam junto a outras oito crianças do povoado na escola Árbol de la Vida, localizada dentro da propriedade onde vivem. Aprendem ciências e matemática entre experimentos pelo bosque.

Além da escola, construída literalmente pelas mãos de todas essas famílias e com aulas administradas por professores locais, nasceu também o Pata Lodge, um complexo hoteleiro que Biju, Marcelo, Tatiana e Henry administram, formado por seis cabanas. Um lugar também mágico, que atrai gente do mundo todo disposta a contemplar de perto e unir-se integralmente com o meio-ambiente. “O engraçado é que quando chegam nossos hóspedes, a primeira pergunta acaba sendo qual é a senha do wi-fi. Aos poucos, a Patagônia acaba tomando conta de cada um deles e os celulares vão ficando cada vez mais longe. Juntos, vamos mergulhar no rio, praticar stand up paddle, colher framboesas e, se o tempo estiver bom, até curtir um cinema ao ar livre”, conta Marcelo.

Todas as cabanas que integram o complexo são autossuficientes energeticamente, pensadas para causar impacto zero ao meio ambiente. Quem se hospeda por ali ainda tem a chance de aproveitar algum dos workshops desenvolvidos pelo grupo, com temas como arte, astronomia, meditação, ioga e antroposofia. Em volta destas mesmas cabanas surgem agora novas casas, fruto do empreendimento imobiliário fomentado pelo grupo e baseado na premissa de restauração da terra e não somente de sua conservação. Algumas delas foram construídas pelo arquiteto Carlos Motta, fã convicto dos ideais do projeto. “Todas as casas são construídas inteiramente com a mão de obra local e respeitando as características ou adversidades do terreno. Não há terraplanagem, nem o uso de qualquer matéria-prima que não seja daqui e que não tenha total sinergia com o entorno”, explica.

Outra área do complexo bastante disputada é o Quincho, a casa onde acontecem as refeições de quem se hospeda no Lodge. Em uma grande mesa comunitária, pratos são preparados a partir de ingredientes orgânicos, colhidos há pouco na horta local. “Nossas refeições sempre passam por temas como a conscientização ambiental e nossa missão urgente de devolver ao planeta tudo o que até hoje nos foi oferecido”, explica Marcelo.

Para Tatiana, que vive ali com os três filhos, de 10, 6 e 4 anos, ver o Pata hoje é mais do que a realização de um sonho. “Aos poucos, fomos entendendo a terra, descobrindo caminhos pedagógicos, aprendendo técnicas de hotelaria. Mas, mais do que tudo, passamos por um longo processo de adaptação pessoal, o que foi mais do que valioso. Não é simples largar a vida da cidade grande – com todas as regalias que sequer notamos que possuímos – e começar outra, do zero. Mas, até hoje, quando acompanho meus

Sa vivitilnesse tam ad nostem issularem tam qua senteribus, catquam firte nihilin nos vides, co estam ditiand iemunte rem ala re actemente manulestrum pultia criptint, dum imilibus, unum, ni illissis consulvid

